

IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

O “QUARTINHO DE EMPREGADA” E SEU LUGAR NA MORADA BRASILEIRA

SESSÃO TEMÁTICA: ARQUITETURA, GÊNERO E SEXUALIDADE

Maíra Boratto Xavier Viana
Universidade de Brasília
mairabxv@gmail.com

Ricardo Trevisan
Universidade de Brasília
prof.trevisan@gmail.com

O “QUARTINHO DE EMPREGADA” E SEU LUGAR NA MORADA BRASILEIRA

RESUMO

A dependência de serviço, popularmente conhecida por “quartinho de empregada”, passou por muitas transformações na história da casa brasileira. No período Colônia-Império originou-se como senzala, abrigando escravos. Em fins do século dezanove foi renomeada. Como edícula, posicionou-se na parte posterior do lote urbano. Quando próximo à casa, pediu licença, entrou pela porta dos fundos e acomodou-se ao lado da cozinha. Na verticalização do século vinte, galgou pavimentos por circulação secundária e se espremeu junto a ambientes serviços dos apartamentos. Hoje, tornou-se um pequeno cômodo que, devido à perda do sentido original, é ocupado por quinquilharias. Observa-se o desenvolvimento de novas tecnologias domésticas e, principalmente, a evolução dos direitos de empregados. Fatores que contribuíram para alterações funcionais do “quartinho” e, conseqüentemente, ao seu desuso. Podem existir outras causas, porém, é fato que a falta de utilidade para esse cômodo é uma realidade. Ao tratar da domesticidade e relacioná-la ao universo feminino, intenciona-se a partir de vinte exemplares, projetados entre 1927 e 2010, revelar como arquitetos posicionam o “quartinho” na hierarquia da espacialidade doméstica. Numa sociedade escravocrata, na qual era sabido o papel do escravo e de seus afazeres, a senzala era assumidamente um espaço do conjunto doméstico. Com a Abolição (1888), tais funções ficaram veladas, atribuídas a prestadores de serviços menores, cujos direitos trabalhistas foram regulamentados apenas em 2015 com a sanção da “PEC das Domésticas”. Nesse panorama, estariam os arquitetos no papel de meros reprodutores – não questionadores – dessas relações sociais, conectadas historicamente por hábitos, costumes e relações serviços? Ao responder esta e outras questões, esse estudo direciona o olhar para um espaço doméstico muitas vezes desprezado, porém culturalmente assimilado no ambiente de nossa morada: a dependência de serviço.

Palavras-chave: Dependência de serviço; Empregado doméstico; Projeto habitacional.

THE HOUSEKEEPER’S ROOM AND ITS PLACE IN BRAZILIAN HOUSES

ABSTRACT

The service room, or the housekeeper’s room, has gone through many transformations over history of Brazilian house. In the Colony-Empire period it originated as slave quarters, housing slaves. In 19th Century it was renamed purposes. As little house, positioned on the back of the urban plot. When close to the house, excused itself, walked through the door and settled down next to the kitchen. The verticalization of the 20th Century, floors were climbed by secondary circulation and squeezed along the servants rooms of apartments. Today, it became a small room that due to the loss of the original meaning, is occupied by junk. It is observed the development of new domestic technologies and especially the development of employees’ rights. Factors contributing to functional changes in the “little room” and hence to its disuse. There may be other causes, however, it is the fact that the lack of use to this room is a reality. Dealing with domesticity and relate it to the female universe, from twenty cases’ studies, designed between 1927 and 2010, this paper intend to reveal how architects position the “little room” in the hierarchy of the domestic spatiality. In a slave society, where the role of slaves and their business was known, the slave quarters was admittedly a space domestic set. With the Abolition (1888), such functions were veiled, attributed to smaller service providers whose labor rights were regulated only in 2015 with the sanction of *PEC das Domésticas* (work laws). In this scenario, the architects would be in the role of mere players - not questioning - these social relations, historically connected by habits, customs and servants relations? In answering this and other issues, this study directs our gaze to a domestic space often overlooked but culturally assimilated into our home environment: the service room.

Keywords: Services’ room; Housekeeper; Housing design.

INTRODUÇÃO, MAS PELA PORTA DOS FUNDOS!

A evolução do espaço doméstico da morada brasileira releva-se capítulo à parte na história da arquitetura de nosso país (REIS FILHO, 1970; LEMOS, 1978; NOVAIS *et al.*, 1998). Representação de nossa cultura, espaço híbrido de costumes e hábitos herdados do gentio da terra, do colonizador português, do escravo africano, dos migrantes europeus, árabes e asiáticos (VERISSÍMO & BITTAR, 1999), a casa brasileira há muito é abordada e retratada por pesquisadores e profissionais, garantindo a ela uma identidade própria. Por isso, à parte de estudos similares e distinto a recortes recorrentes, este artigo pede licença para entrar pela porta dos fundos e deter-se a um cômodo dela por vezes escondido, negligenciado e menosprezado: o “quartinho de empregada”. Pequeno, mal ventilado e iluminado, escondido, um espaço que, para além das condicionantes físicas precárias, carrega marcas de nossa sociedade. Um pedaço de nossos lares impregnado de história e estórias que pretendemos relevar.

No período Colônia-Império originou-se como senzala, abrigando escravos. Em fins do século dezenove foi renomeada. Como edícula, posicionou-se na parte posterior do lote urbano. Quando próximo à casa, pediu licença, entrou pelos fundos e acomodou-se ao lado da cozinha. Na verticalização do século vinte, galgou pavimentos por circulação secundária e se espremeu junto a ambientes serviçais dos apartamentos. Hoje, tornou-se um pequeno cômodo que, devido à perda do sentido original, é ocupado por quinquilharias. Observa-se o desenvolvimento de novas tecnologias domésticas e, principalmente, a evolução dos direitos de empregados. Fatores que contribuíram para alterações funcionais do “quartinho” e, conseqüentemente, ao seu desuso. Espaço para o qual podemos, de antemão, aplicar inúmeras representações.

Ao descrever a casa ideal em *A poética do espaço* (1957), Gaston Bachelard expôs dois elementos compositivos necessários: uma centralidade e uma verticalidade. Se a centralidade na casa deve garantir uma vida simples, que permita ao seu morador o contato consigo mesmo; a verticalidade é estabelecida pela presença de dois polos extremos: o porão e o sótão. Para o filósofo francês, a casa ideal deveria conter uma nítida bipolaridade, onde a extremidade mais alta (sótão/teto) definiria o claro, o racional, a proteção; enquanto a mais baixa (porão/subsolo) traria o obscuro, o irracional, o profundo. Surgida como crítica à casa modernista, modelo de casa com único pavimento (ausência de cosmicidade, de natureza, de intimidade), defendendo as casas tipo bangalô e chalé (contexto europeu), tal analogia não caberia às casas brasileiras. Contudo, se adotarmos a horizontalidade, ao invés da verticalidade, poderíamos associar os polos a dois ambientes típicos de nossa morada: a varanda e as dependências de serviço. A varanda como representação da ligação com o céu,

a natureza, o divino, a beleza, o espaço da intimidade e dos momentos românticos. Já as dependências de serviço (nelas incluída o “quartinho”) abrigariam as figurações das trevas (escuridão), das raízes, dos medos, das origens, enfim tudo aquilo de ruim. Assim como os porões, as dependências despertam em nós sentimentos negativos, representantes de espaços secundários, ambientes a serem evitados ou de rápida permanência (sobretudo, aos membros da família). Uma possível interpretação aqui exposta para enquadrar o “quartinho” no ambiente doméstico. Posição de coadjuvante, alçado à protagonista por algumas tramas cinematográficas do século vinte e um.

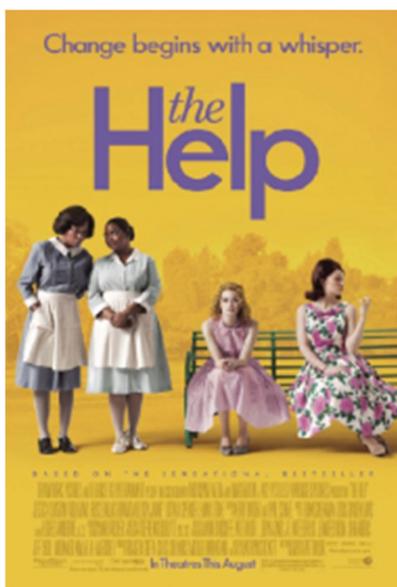


Figura 1 – Cartaz do filme *Histórias Cruzadas* (*The Help*). Fonte: IMDB. Acesso em 13 Out. 2015. Disponível em: <www.imdb.com>



Figura 2 – Cartaz do filme *Que horas ela volta?* Fonte: *Veja São Paulo*. Acesso em 13 Out. 2015. Disponível em: <www.vejasp.abril.com.br>

O filme *Histórias Cruzadas* (*The Help*, EUA, 2011) apresenta uma narrativa interessante sobre a questão racial e de gênero na relação entre patrão e empregada doméstica nos Estados Unidos da América, nos anos de 1960. Mais voltado para a questão social (racial), a trama retrata fatos que segregavam as empregadas domésticas – mulheres afrodescendentes – na esfera residencial, como a presença de banheiro para uso em separado. O documentário *Doméstica* (Gabriel Mascaro, Brasil, 2012) aborda a história de seis empregados (cinco mulheres e um homem) filmados a partir do olhar de seis adolescentes, revelando a vida batalhadora de tais profissionais, o convívio com os patrões e os dramas pela negligência ou abandono à própria família. Trama similar retratada ficticiamente pelo premiado *Que horas ela volta?* (Anna Muylaert, Brasil, 2015), ao revelar esse universo doméstico – a dependência de

serviço – e a relação entre patrão e empregada em uma família paulistana de classe média alta. As relações sociais presentes na esfera familiar são demonstradas pelas personagens Val (Regina Casé), seus patrões e o filho deles, quando a empregada é tida como um “quase membro da família”. Contudo, com a chegada de Jéssica (filha de Val) na casa, tais laços são questionados ao confrontar direitos e deveres, tendo o espaço (“quartinho”, quarto de visitas, cozinha, sala de jantar, piscina etc.) como campo de disputas. Um filme aclamado publicamente e apropriado a sua época, refletindo os ganhos trabalhistas dessa classe profissional com a sanção da “PEC das Domésticas” em 2015.

E o que explicaria tal segregação, espacial e social, do “quartinho de empregada”? Há muitos aspectos que envolvem essa pergunta. Aspectos de cunho histórico, cultural, social e econômico que permeiam a arquitetura residencial e posicionam tal ambiente. Espaço de segundo plano, reflexo de hierarquias sociais, o “quartinho” – também conhecido por edícula, dependência de serviço, quartinho de despejo, quarto dos fundos, quarto de serviço etc. –, revela-se como interessante ambiente doméstico a ser explorado, seja pela narrativa histórica da moradia brasileira, da casa colonial à contemporânea, seja pelas personagens para as quais tais espaço doméstico foi criado. Assim, o presente artigo tem por objetivo problematizar e responder as seguintes questões: qual a origem desse espaço na morada brasileira? Como se deu a evolução de tal ambiente ao longo de séculos? Há nele mudanças ou alterações espaciais ao longo do tempo? Quem são seus usuários? Estariam os arquitetos no papel de meros reprodutores – não questionadores – dessas relações sociais, conectadas historicamente por hábitos, costumes e relações serviçais? Será mesmo necessário pensar em um local para ser a dependência de serviço nas residências contemporâneas? Enfim, uma coletânea de inquietações que, ao serem investigadas, irão auxiliar nosso entendimento sobre a origem e as transformações das áreas de serviço – sobretudo, a dependência de empregado – ao longo dos anos, bem como a pertinência futura de sua existência.

Para além de uma narrativa histórica, este ensaio debruçar-se-á também sobre estudos de caso específicos. A princípio, sabida a aplicabilidade do objeto nas moradias e das possibilidades inumeráveis de casos, definiram-se por recorte de análise algumas residências presentes na publicação *Arquitetura moderna paulistana*, de 1983, dos arquitetos Alberto Xavier, Carlos Lemos e Eduardo Corona; e residências presentes na obra *Casas brasileiras*, de 2010, do arquiteto Roberto Segre. O recorte se deu também geograficamente, sendo analisadas somente casas paulistas. Dentro do universo presente nestas edições, há casas de arquitetos renomados, num recorte temporal que vai de 1927 a 1975, para as casas modernistas, e de 2003 a 2010, para as casas contemporâneas. Esse recorte foi pensado para melhor comparar os dois universos da arquitetura residencial brasileira, o modernista e

o contemporâneo, sendo mais fácil identificar evoluções devido à distância temporal entre eles. Especificamente, os estudos de caso foram analisados quanto a: composição do conjunto da área de serviço, setorização da dependência de empregados, acessos, dimensionamento, *layout* proposto, proporção (área) frente ao restante da habitação, aberturas e aspectos termo acústico.

Desse modo, o estudo busca direcionar o olhar para um espaço doméstico muitas vezes desprezado, porém útil e culturalmente assimilado no ambiente das casas brasileiras, bem como atentar para as questões sociais inerentes. Assim, a necessidade de falar sobre esse espaço surge como uma contribuição para o projeto habitacional contemporâneo ao se conectar à realidade social atual e revelar suas características. Estruturalmente, a primeira parte abordará a história do “quartinho” de empregados, desde seus ancestrais: as senzalas. A segunda revelará a situação atual do “quartinho” nas residências, passando pela arquitetura e pela realidade social dos empregados domésticos. A terceira trará a análise dos estudos de caso, constituídos por doze casas modernistas e oito casas contemporâneas. Por fim, aduzem-se as considerações finais, em que se ousa responder às questões iniciais e discutir o futuro desse ambiente nas residências brasileiras.

1. ÁRVORE GENEALÓGICA DO “QUARTINHO”

Se traçarmos a árvore genealógica do “quartinho” na morada brasileira, chegaremos às senzalas. Contudo, para melhor entender a história desse ambiente, é importante também compreender as origens e os aspectos que definem os usuários desse espaço, os próprios empregados domésticos.

Atualmente, o empregado doméstico é aquele que, mediante pagamento, presta serviços no ambiente residencial para uma pessoa ou família. O universo de trabalhadores é muito extenso, sendo considerados empregados domésticos: a mensalista, a governanta, o mordomo, o motorista particular, a babá, a acompanhante de idosos ou doentes, o caseiro, o jardineiro, o vigilante, o porteiro, o piscineiro, a passadeira, a lavadeira, a cozinheira, a folguista, a faxineira ou diarista, dentre outros. A ideia de ter uma pessoa, ou mais, dentro da residência para ajudar nos serviços domésticos vem de muito antes de se pensar em tanta especificidade para tal cargo. Vem dos tempos do Brasil Colônia, quando havia apenas uma denominação para designar a pessoa que fazia os trabalhos domésticos: escravo. Além dos trabalhos realizados nas plantações de cana e, posteriormente, na mineração e na lavoura cafeeira, os escravos realizavam todos os afazeres domésticos.

No período da escravidão – do Descobrimento a 13 de maio de 1888 –, o Brasil era um país predominantemente rural e, dessa forma, os registros domésticos que se têm inicialmente são

dos casarões das fazendas de cana-de-açúcar, por exemplo. Na esfera social desses ambientes residenciais, existiam basicamente três tipos de relações primárias: as relações entre senhores, as relações entre os escravos e as relações cruzadas entre senhores e escravos. Tais relações repercutiam na vida doméstica cotidiana,¹ que se dividia, basicamente, entre a casa-grande, dos senhores, e as senzalas, dos escravos. A casa-grande vivia sempre muito cheia e movimentada, pois, além da grande família patriarcal, havia um número grande de escravos que faziam a casa “funcionar”. O arquiteto Lucio Costa definiu muito bem essa relação ao dizer que:

(...) a máquina brasileira de morar, ao tempo da colônia e do império, dependia dessa mistura de coisa, de bicho e de gente, que era o escravo. Se os casarões remanescentes do tempo antigo parecem inabitáveis devido ao desconforto, é porque o negro está ausente. Era ele que fazia a casa funcionar: havia negro para tudo – desde negrinhos sempre à mão para recados, até negra velha, babá. O negro era esgoto, era água corrente no quarto, quente e fria; era interruptor de luz e botão de campainha; o negro tapava goteira e subia vidraça pesada; era lavador automático, abanava que nem ventilador. (Lucio Costa apud Lemos, 1978, 111)

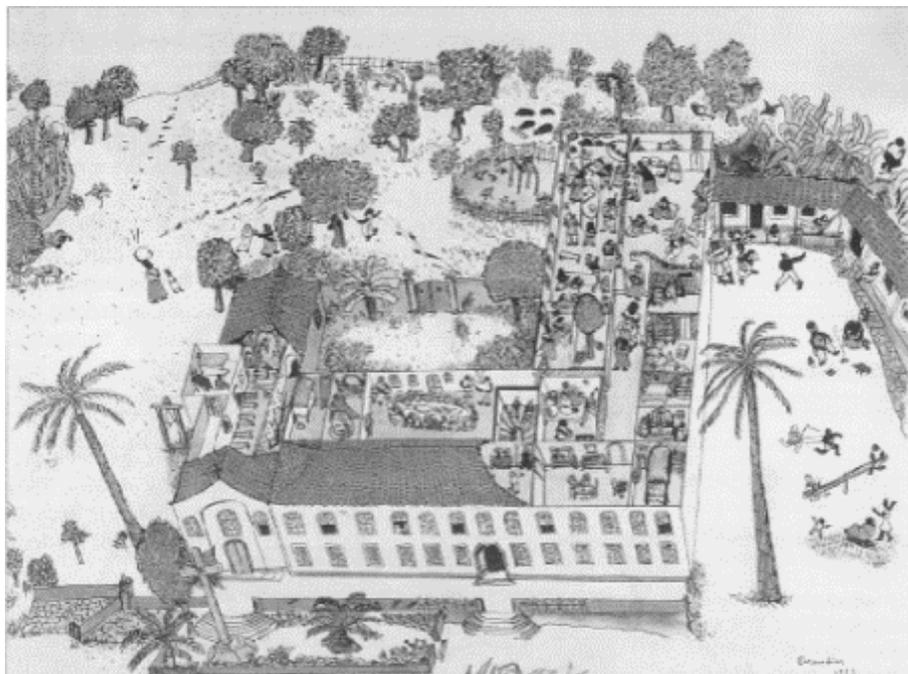


Figura 3 – Exemplo da vida doméstica de uma casa-grande (ao centro) e uma senzala (à direita) do Brasil Colônia. Fonte: “Planta do Engenho Noruega (Cícero Dies, Engenho Noruega, século XX)”.

História da Vida Privada no Brasil, v. 1, p. 123.

¹ NOVAIS et al. *História da vida privada no Brasil*, 2012, v. 1, p. 29.

Nessa época, havia dois tipos de senzalas: a que servia aos trabalhadores do campo, junto ao engenho e à lavoura, e a que servia aos escravos que trabalhavam no ambiente doméstico. Esta última ficava junto à casa-grande, porém, era locada no quintal ou no subsolo, assim como toda a área de serviço e a “secreta” – buraco feito na terra, cercado, usado como banheiro. Ou seja, além da senzala, a parte “molhada” das residências também se locava fora de casa, característica que perdurou por muitos séculos, até o advento de tubulações de água e esgoto em substituição aos “tigres” – escravos responsáveis por transportar a água negra. Era conveniente, portanto, que a habitação dos escravos fosse próxima a esses locais de serviço.

É importante notar a falta de importância que se dava à morada dos escravos, tanto por sua localização, muitas vezes junto à “secreta” e ao chiqueiro, quanto pelos materiais utilizados, que variavam de adobe, taipa, madeira, pedra, com coberturas de palha ou telha, quase sempre mal construída. Além do descaso com a locação e a construtibilidade, havia igual despreocupação com o *layout* interno. Com mobiliário improvisado ou inexistente, com aberturas mínimas e gradeadas, poucos exemplares possuíam cômodos separados, tendo o uso misto (abrigavam homens e mulheres), sem qualquer garantia de privacidade. As grades apareciam também nas janelas das áreas de serviço e cozinhas, pelo mesmo motivo em que ocorriam nas senzalas: evitar fugas.



Figura 4 – Exemplo de senzala em taipa e cobertura de palha.

Fonte: <http://martaiansen.blogspot.com.br>. Acesso em: 21 Set. 2015.

Quando a vida urbana ganha importância (a partir do ciclo mineral), as moradias localizadas em povoados ou vilas quase não dispunham de senzalas (salvo moradias de maior padrão, como a Casa dos Contos, em Vila Rica), restando aos escravos dormirem em qualquer lugar, estendendo suas esteiras na cozinha, próximas ao fogão, por exemplo, como afirmam os autores Novais e Algranti: “nos sobrados do século XVIII e XIX, os escravos dormiam no porão ou no rés do chão”.² Em casas que não possuíam quarto de hóspedes, os viajantes dormiam com os escravos. Nota-se que, mesmo os escravos sendo conhecidos da família, tinham o mesmo tratamento dos viajantes, que eram desconhecidos. Aliás, tinham tratamento pior, porque não podiam utilizar-se do quarto de hóspedes, quando esse existia.

Com o passar dos anos, a área destinada aos serviços domésticos se aproxima do volume principal da habitação, passando a compor um puxado ou corpo anexo nos fundos das casas.

Na roça e nas fazendas, foi se acostumando à cozinha dentro de casa, em puxados bem feitos ou em alas de taipa, pois as casas já não eram mais retangulares. (...) Agora era normal, como sempre fora no litoral, a casa estar agenciada no lado do engenho, no mesmo espaço arquitetônico. Os poucos escravos negros deveriam estar sob o controle direto do senhor já sem muito cabedal ou sem muita arrogância de chefe. (Lemos, 1978, 79)

Ou seja, na virada do século dezanove, começou-se a cozinhar dentro das casas por comodidade. Nas casas bandeiristas, os escravos dividiam o mesmo ambiente que os senhores, e isso trazia também maior controle sobre os serviçais.

A partir da segunda metade do século dezanove, na zona rural, imigrantes de diversas origens começavam a exigir modificações na forma de morar como novos trabalhadores. Devido à crise do sistema escravocrata, iniciada em 1830 (proibição do comércio legal) e finalizada em 1888 (Lei Áurea), imigrantes vindos da Europa foram trabalhar nas grandes fazendas.³ O fim da escravidão tornou os grandes casarões nada funcionais, além de dispendiosos, sem os escravos.

Em fins daquele século, os principais centros urbanos, como Rio de Janeiro e São Paulo, veem sua população crescer exponencialmente, com uma classe burguesa habitando casarões e pequenos palacetes. As oportunidades de trabalho eram melhores para os imigrantes do que para os mulatos e negros libertos⁴. Nessa época, as habitações urbanas já

² NOVAIS & ALGRANTI, *História da vida privada no Brasil*, 2012 (1998), v. 1, p. 95.

³ NOVAIS et al., *História da vida privada no Brasil*, 1998, v. 2, p. 286.

⁴ LEMOS, *Cozinhas, etc.*, 1978, p. 125.

não contavam com muitos cômodos de serviço em seus quintais. Não existia mais o escravo – o serviçal permanente nas residências coloniais –, sendo mais simples mandar lavar e passar as roupas fora de casa com as negras recém-libertas. As cidades começam a contar com seus primeiros sistemas de abastecimento de água encanada.⁵ O início da instalação de tubulações permitiu que as áreas molhadas (cozinha, lavanderia e banheiros) adentrassem em definitivo o interior das residências, na parte posterior ou em “puxados”.

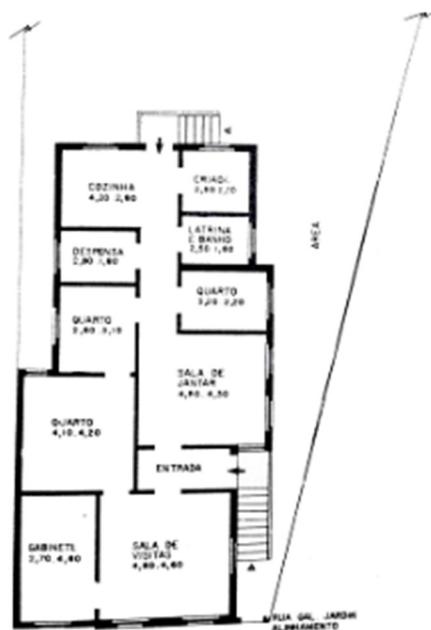


Figura 5 – Residência urbana típica da classe alta em São Paulo (1896), com detalhe para a presença do quarto da “criada”. Fonte: Lemos, *Cozinhas, etc.*, p. 141.

Na virada do século vinte, poucos eram os pedidos pela inclusão de dependências de empregados nas casas, algo que se alterou com o passar dos anos. As cozinhas continuavam como um anexo, sempre ligadas aos quintais e à copa – novo ambiente surgido nas casas urbanas, que isolava a cozinha e o empregado doméstico do restante da casa e da família.

Nas moradias abastadas, os arquitetos, principalmente os estrangeiros, projetavam quartos de criadas dentro de casa, com comunicação interna, como se elas fossem, na verdade, agregadas à família e não simples serviçais de convívio muito limitado, e para alguns até desagradável. (Lemos, 1978, p. 138)

A edícula surge, então, como substituta natural da senzala. Trata-se de uma construção à parte do corpo principal da casa, localizada no fundo do lote, voltada ao trabalhador

⁵ Fonte: <http://www.aegea.com.br/portfolio/a-historia-do-saneamento-basico-no-brasil/>. Acesso em: 10 Dez. 2015.

doméstico, geralmente com um quarto, um banheiro e uma saída independente para a área externa. Posteriormente, tal espaço foi incorporado ao conjunto edilício, porém próximo às áreas menos valorizadas (cozinha e lavanderia). Algo perpetuado nos edifícios residenciais em altura a partir da década de 1930.

Em decorrência do aumento populacional nas grandes cidades e respectivo crescimento do déficit habitacional, a necessidade de construir várias habitações em espaços que antes serviriam a apenas uma foi a solução encontrada. Edifícios de apartamentos surgem em áreas centrais de modo tímido, rejeitados inicialmente, mas apreciados pela classe média nos anos 1950.⁶ Tentativas de reprodução de um palacete (atrair clientela), essas residências se tornaram mais compactas do que as casas unifamiliares. Mesmo assim, repetiam os espaços e cômodos presentes nas casas tradicionais, com as áreas acompanhando a mesma setorização burguesa tripartite (social, íntimo e serviços).

Nessa lógica, o “quartinho”, mesmo desvinculado de qualquer quintal, herdou características progressas e permaneceu em ambiente excluído e isolado, na área de serviço, próximo à cozinha, e, em muitos casos, como uma alcova, sem janela para o exterior. Para acessá-lo a partir da rua, criou-se a entrada, o elevador e a porta de serviço – raramente vistos em países europeus e norte-americanos onde a presença de um empregado doméstico é algo pouco usual.

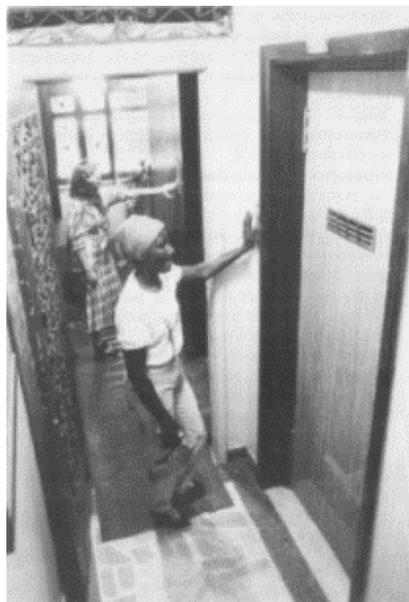


Figura 6 – A diferenciação entre elevador “social” e elevador de “serviço” em edifício de apartamentos (foto de 1988). Fonte: Novais *et al.*, *História da vida privada no Brasil*, 1998, v. 4, p. 212.

⁶ VERÍSSIMO & BITTAR, *500 anos da casa no Brasil*, 1999, p. 127.

Tais comunicações serviçais, secundárias, próximas a lixeiras e caixas de esgoto, com iluminação e ventilação deficitária, estão presentes em grande parte dos edifícios multifamiliares brasileiros do século passado, materializando no espaço clara distinção social entre patrões e empregados. Algo visível inclusive em edifícios de menor padrão econômico, refletindo uma reverberação dos costumes de classes mais abastadas nos hábitos e modos de vida de classes proletárias.

O século vinte foi marcado por várias e rápidas mudanças sociais, com ressonâncias na arquitetura residencial e, conseqüentemente, na área de serviço. Por volta de 1930, começam a surgir novos equipamentos para a cozinha, como os eletrodomésticos. Surgem também os alimentos industrializados e os produtos de limpeza, que facilitavam a vida das donas de casa. Estas, por sua vez, lutam por seus direitos e reivindicam seu lugar fora do ambiente doméstico. Para aquelas que permaneceram nele, como empregadas (17% das trabalhadoras brasileiras são domésticas), criam-se as primeiras leis trabalhistas, que regulam e normatizam os direitos e deveres. A necessidade de ter muitos empregados domésticos começa a diminuir – por impor um custo à renda familiar –, porém, ainda persiste espacialmente, tanto nas residências unifamiliares quanto nos edifícios de apartamentos, como o “quartinho dos fundos”. Mas por que isso ocorre?

2. O “QUARTINHO” HOJE

“Quartinho” talvez seja a palavra mais utilizada hoje em dia para designar o quarto de empregado nas residências brasileiras. Porém, há um sentido pejorativo nessa palavra, não pela palavra em si, mas pelo que ela possa significar, dado o contexto. Ao ser utilizada no diminutivo, pode indicar um lugar pequeno, mas também menosprezado ou, até mesmo, ruim. Esse ambiente ainda aparece em considerável número de habitações da atualidade. Se já o compreendemos no passado, nada mais natural do que compreendê-lo no presente.

A estrutura básica de uma habitação comum brasileira é formada por três áreas distintas: a de estar (social), a de repouso (íntima) e a de comer (serviço) – a tripartição burguesa.⁷ Em casas e apartamentos, essas três áreas são geralmente bem determinadas e subdivididas em cômodos com funções específicas. Atualmente, a dependência de empregado (quarto e banheiro) encontra-se na área de serviço, junto à cozinha, à lavanderia, à despensa e à entrada de serviço.

⁷ Conceito originário das características presentes nas casas da classe burguesa após a Revolução Industrial. Uma nova classe social no cenário urbano, tendo a cidade como seu habitat e cuja moradia apresentava características peculiares, dentre elas a setorização funcional em três áreas distintas: social, íntima e de serviço – a tripartição burguesa.

Durante muitos anos, o fato de possuir quarto de empregado valorizava e encarecia os preços das casas e apartamentos. Esse fato era indicativo de alto poder aquisitivo, principalmente se houvesse mais de um quarto, ou uma ala de serviço com vários quartos, significando que a família possuía mais de um empregado doméstico.



Figura 7 – Exemplo da tripartição burguesa: área social (em amarelo), área íntima (em rosa) e área de serviço (em roxo), com dependência de empregado. Fonte: Acervo pessoal.

Com a herança histórica dos escravos em nossa sociedade, e seu trabalho nas casas rurais e urbanas do período Colônia-Império, o empregado doméstico do século vinte assumiu no Brasil um papel de ajudante do lar que, inicialmente, não possuía direitos trabalhistas como outros assalariados. A regularização da profissão começa apenas em 11 de dezembro de 1972, com a Lei presidencial n.º 5.859 que a conceitua e lhe atribui direitos. Em 1988, com a nova Constituição Federal, aparecem outros direitos, como o repouso semanal remunerado, que já começaria a mudar certos hábitos dentro das residências. Antes disso, era comum encontrar uma cultura nas classes média e alta de que a empregada doméstica, vinda muitas vezes do interior, sem perspectiva de melhores condições de vida na cidade natal, dormisse na casa onde trabalharia, assim como acontecia desde a época das senzalas. Dessa forma, havia a necessidade de manter o quarto de serviço na composição funcional das habitações. Uma vez dormindo, tais empregados, na grande maioria mulheres, trabalhavam sem turno definido, manhã, tarde, noite e, também, de madrugada, caso fosse necessário.

Toda a questão do “quartinho” gira em torno dessa cultura. Mesmo que o empregado doméstico não tivesse vindo do interior, mesmo que ele tivesse residência fixa e família na mesma cidade onde trabalha, foi “acordado” culturalmente, durante anos, que ele dormisse na casa dos patrões durante a semana, pois, dessa forma, poderia trabalhar desde muito cedo até muito tarde, sem “desculpas” para faltar ao serviço, retornando ao seu lar nos fins de semana (quando liberado). E, além de trabalhar mais que o justo pelo salário comparado a outras profissões, que já previam o direito à hora extra e ao adicional noturno, os empregados domésticos habitavam um ambiente da casa que tinha, na maioria das vezes, pouca privacidade, por estar localizado próximo às movimentadas e barulhentas cozinhas e lavanderias, e pouquíssimo conforto, dada a dimensão diminuta do cômodo e sua baixa salubridade (falta de ventilação e iluminação naturais).

Esse costume durou por muitos anos, até que começou a decrescer o número de empregados domésticos residentes nas casas dos patrões. Dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), coletados nos anos de 1996, 2000 e 2010, revelam esse declínio:

Número e percentual de empregadas domésticas no total da população			
Ano	População Total	Nº de Empregados Domésticos	Percentual
1996	157.070.163	571.168	0,36%
2000	169.282.561	401.053	0,23%
2010	190.755.799	247.335	0,13%

Tabela 1 – Número e percentual de empregados domésticos.

Fonte: IBGE, (<http://www.sidra.ibge.gov.br>). Acesso em: 02 Nov. 2015.

A queda desse número ocorre desde muito antes de 1996 e pode ter várias razões, como: a facilidade causada pela evolução dos eletrodomésticos, dos produtos de limpeza e das comidas industrializadas; as refeições não mais realizadas em casa com tanta frequência; a queda da fecundidade e, consecutivamente, do número de membros de uma família; ou a simples preferência pela privacidade de não ter uma pessoa de fora da família em casa todos os dias, por exemplo. Em 1978, Carlos Lemos já havia previsto tal acontecimento – com algumas justificativas um pouco exageradas, mas bastante pertinentes:

Fatalmente, um dia, a morada burguesa irá superpondo funções, até eliminar a cozinha, trocando o fogão pela mesa-quente aquecedora de comidas congeladas vindas dos

supermercados. E na era do plástico e dos papéis e cartões impermeabilizados, talvez a louça nossa do diário e os talheres venham a ser lembranças malqueridas de um passado que não prescindia da humildade solícita e resignada da empregada doméstica. Tudo estará facilitado. As próprias roupas não mais serão lavadas, as vestes de papel serão jogadas fora. Tudo será fácil nestes trópicos sorridentes em desenvolvimento. E um dia, as edículas dos quintais ficarão sem utilidade e todas as mulatinhas vindas do interior estarão em suas próprias salas de suas casas próprias, enquanto a Princesa Isabel sorrirá em seu túmulo vendo que seu trabalho finalmente chegou ao fim. (Lemos, 1978, p. 202)

Além de todas as razões citadas para a diminuição do número de empregados domésticos, é preciso lembrar que em 2013 foi aprovada a Proposta de Emenda à Constituição n.º 478, de 2010 (mais conhecida como “PEC das Domésticas”). Entre os direitos concedidos ao trabalhador doméstico está o pagamento de hora extra e o dever de registrar empregadas que trabalham por três dias ou mais em uma mesma residência. A lei que regulamentou a emenda constitucional foi sancionada em 2015, acrescentando ainda o direito a adicional noturno. Ainda não há dados que confirmem a influência de tal legislação na diminuição do número de empregados domésticos, mas devido aos novos direitos concedidos à profissão e os correspondentes deveres patronais, tornar-se-ão mais raros a presença de tais prestadores de serviço – principalmente aqueles que pernoitam – dividindo os ambientes dos lares brasileiros.

Nos últimos anos, as famílias estão optando por contratar um tipo de empregado doméstico relativamente recente: as(os) diaristas, que fazem os serviços da casa durante tempo previamente determinado e são pagos por hora ou por dia, voltando para suas casas ao final da jornada e começando tudo de novo no dia seguinte, em geral em outra residência. Desse modo, é possível perceber que o “quartinho” começou a ficar sem sua função de origem nas habitações atuais. Como muitos apartamentos e casas hoje são projetos do século passado, o quarto de serviço ainda se faz presente, não tendo sido eliminado do programa habitacional. Esse quarto, então, começou a ter outras utilidades, podendo servir como despensa, escritório, quarto de despejo ou de visitas ou, até mesmo, quarto para membro da família em busca de maior privacidade.

As incorporadoras e seus arquitetos descobriram algumas maneiras flexíveis de projetar ao longo dessa transição entre ter ou não quarto de serviço. Em pleno século vinte e um é comum encontrar apartamentos vendidos com a dependência de empregado posicionada de tal modo na planta que, modificando-se uma ou outra parede, é possível transformá-la em um ambiente diferente, como: escritório, *closet*, sala de televisão ou outro quarto voltado para as áreas de

estar ou para o corredor, e não mais para a cozinha, como acontece com o “quartinho”. Assim, o cliente tem a opção de escolher pela manutenção do quarto na área de serviço ou agregá-lo ao núcleo íntimo residencial.

É importante perceber que, cada vez mais, o “quartinho” não faz sentido dentro das casas brasileiras a partir do momento em que os trabalhadores domésticos passam a não dormir mais nas residências onde trabalham, gerando uma necessidade de refletir sobre e propor novos modelos de habitação que se adequem a esse novo estilo de vida.



Figura 8 – Exemplo de anúncio de apartamento à venda com quarto de empregado reversível.

Fonte: <http://www.construtoramontecristo.com.br/site/Empreendimento.aspx?id=17>.

Acesso em: 04 Nov. 2015.

A profissão de empregado doméstico, assim como outras profissões de esforço manual, exige um ambiente no local de trabalho onde se possa trocar de roupa ou tomar um banho no fim do expediente, por exemplo. Dessa forma, é importante lembrar que, apesar do “quartinho” estar se tornando obsoleto, o banheiro de serviço seja talvez o único remanescente desse conjunto na área de serviço. Mas, para além de previsões futuras, cabe-nos entender como arquitetos renomados trataram tal espaço em seus projetos residenciais.

3. O “QUARTINHO” DE GRIFE

Arquitetura residencial, como já dito, é um campo à parte nos estudos arquitetônicos. Arquitetura residencial assinada por arquitetos renomados é um campo ainda mais restrito,

voltado a obras potencialmente referenciais. Tal qual produtos de uma grife, esses projetos são altamente personalizados e estão impregnados do modo de pensar e conceber de seu criador, ou seja, são representações materiais de uma identidade emblemática. Sendo assim, como arquitetos modernistas e contemporâneos trataram o “quartinho” em seus projetos residenciais?

Para responder a tal questão, estabeleceu-se por recorte a seleção de habitações unifamiliares, modernistas e contemporâneas, construídas no estado de São Paulo e projetadas por arquitetos renomados. Foram doze habitações modernistas (projetos de 1927 a 1975) presentes na publicação *Arquitetura moderna paulistana*, de 1983, dos arquitetos Alberto Xavier, Carlos Lemos e Eduardo Corona;⁸ e oito contemporâneas (projetos de 2003 a 2010) presentes no livro *Casas brasileiras*, de 2010, de Roberto Segre.⁹

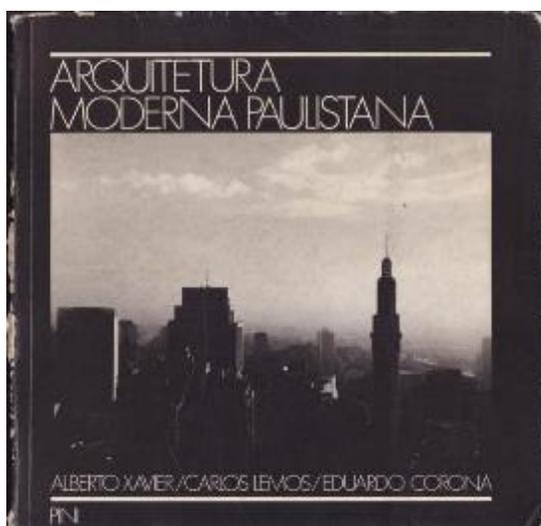


Figura 9 – Capa do livro *Arquitetura moderna paulistana*. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 10 – Capa do livro *Casas brasileiras*. Fonte: Acervo pessoal.

⁸ 1) Casa Modernista da rua Itápolis (Gregori Warchavchik, 1927); 2) Residência do Arquiteto (Lina Bo Bardi, 1949); 3) Residência José Taques Bittencourt (Vilanova Artigas e Carlos Cascardi, 1956); 4) Residência Castor Delgado Perez (Rino Levi, Roberto Cerqueira e Luiz Roberto Franco, 1958); 5) Residência Mário Masetti (Paulo Mendes da Rocha, 1968); 6) Residência Tomie Ohtake (Ruy Ohtake, 1968); 7) Residência Dino Zamataro (Rodrigo Lefèvre, 1970); 8) Residência James Francis King (Paulo Mendes da Rocha, 1972); 9) Residência Juvenal Juvêncio (Vilanova Artigas, 1972); 10) Residência Antônio Teófilo de Andrade Orth (Décio Tozzi, 1973); 11) Residência Fabrizio Beer (Joaquim Guedes, 1975); e 12) Residência Jorge Flaks (Nadir Curi Mezerani, 1975).

⁹ 1) Casa Alto de Pinheiros (UNA Arquitetos, 2003-5); 2) Casa Sumaré (Isay Weinfeld, 2003-7); 3) Casa Alcântara (Forte, Gimenes & Marcondes Ferraz, 2004-5); 4) Casa Corten (Marcio Kogan, 2006-8); 5) Casa JH (Bernardes Jacobsen, 2007-8); 6) Casa Madalena (Brasil Arquitetura, 2007-8); 7) Casa Santo Amaro (Isay Weinfeld, 2005-9); e 8) Casa Piracicaba (Isay Weinfeld, 2006-9).

Com uma lacuna temporal entre um grupo e outro de 25 anos, intencionalmente assumida e talvez arbitrária, é possível verificar as evoluções e modificações geradas no ambiente da área de serviço e, mais especificamente, nas dependências de empregado entre casas projetadas por arquitetos modernistas e arquitetos contemporâneos.

Os parâmetros utilizados para a análise foram: composição da área de serviço; setorização das dependências de serviço; formas de acesso; dimensionamento da área destinada ao trabalhador doméstico e sua proporção em relação à área total da residência; quantidade e qualidade das aberturas (portas e janelas); conforto termo acústico; e *layout* sugerido (caso disponibilizado). Balizadores que permitem analisar os estudos selecionados a fim de responder às indagações inicialmente formuladas.

Após a análise dos vinte exemplares, ficou perceptível peculiaridades e destaques que alguns arquitetos trazem ao tratar de modo diferente a questão das dependências de serviço, além das transformações e semelhanças nas características dos “quartinhos” de grife projetados de uma geração para outra, do modernismo à contemporaneidade.

A começar pela Casa Modernista da rua Itápolis, de Gregori Warchavchik, e pela Casa de Vidro, de Lina Bo Bardi, que, ao seu jeito, resgatam um pouco das casas do início do século vinte, pela localização e disposição das dependências de serviço, isoladas no fundo do lote como edícula ou como “apêndice” ao corpo principal da residência.

Já outras moradias, modernistas e contemporâneas, se diferenciam por apresentarem a inversão dessa proposta de setorização do “quartinho” nos fundos do lote, dispondo-o logo na fachada principal ou muito próximo ao acesso principal, como acontece na Residência Castor Delgado Perez, de Rino Levi e equipe (volume suspenso); na Casa Alto de Pinheiros, do escritório UNA Arquitetos; e na Casa Corten, do arquiteto Marcio Kogan. Trata-se de uma inversão proposital, pois os arquitetos sabiam que a proximidade à rua já não era algo tão conveniente (poluição sonora, falta de segurança etc.) numa cidade grande.

A localização do “quartinho” no subsolo ou no pavimento térreo é a mais comum, ocorrendo em dezesseis dos estudos de caso analisados. Apenas quatro destes apresentam as dependências de serviço no pavimento ou patamar superior, sendo todas do período modernista: a Casa de Vidro, de Lina Bo Bardi; a Residência Castor Delgado Perez, de Rino Levi e equipe; a Residência Juvenal Juvêncio, de Vilanova Artigas; e a Residência Fabrizio Beer, de Joaquim Guedes. Isso ocorre, talvez porque os ideais socialistas eram ainda defendidos pela classe de arquitetos junto a seus clientes, levando igualdade a todos os moradores, sem exceção ou exclusão.

Algo de destaque acontece na Residência Tomie Ohtake, a qual passou por duas ampliações. O projeto original possuía duas dependências para empregados e, em uma das reformas, um dos quartos se transformou em depósito, mostrando a obsolescência dos “quartinhos” com o passar do tempo.

Com relação às áreas, verificou-se que, no universo analisado, as casas contemporâneas apresentam o “quartinho” com proporção menor de área em relação ao restante da residência se comparado às casas modernistas. A porcentagem nas casas modernistas varia entre 2% e 12%, enquanto que nas contemporâneas ela não passa de 5%, indicando a importância cada vez menor dessas áreas no conjunto residencial. Apesar disso, quatro das oito casas contemporâneas apresentam a dependência de serviço como um “pequeno apartamento”, com sala, quarto(s), banheiro(s) e, às vezes, cozinha. Nas três residências projetadas pelo arquiteto Isay Weinfeld, há esse “pequeno apartamento” destinado aos empregados domésticos. Fato um tanto quanto contraditório se assumirmos o rumo que os “quartinhos” vêm tomando na morada brasileira: de sair pela porta dos fundos, ou da frente, para nunca mais voltar!

CONSIDERAÇÕES FINAIS: DO “QUARTINHO” À CASA PRÓPRIA

Em tempos de “bela, recatada e ‘do lar’”, quando a primeira-dama interina, Marcela Temer, possui uma legião de empregados (dentre os quais: uma babá, uma cozinheira e duas mensalistas) para se dedicar ao ofício “do lar” e de mãe de um único filho, em sua residência no Alto de Pinheiros em São Paulo;¹⁰ a maioria da população brasileira se adapta às novas realidades correspondentes ao trabalho doméstico e suas implicações nos ambientes da morada brasileira, em especial, no “quartinho”. Um espaço doméstico historicamente presente em nossos lares, que, mesmo aparentemente insignificante, traz à tona a história das relações sociais presentes em nosso país.

O “quartinho” passou por muitas transformações ao longo da história da casa brasileira, assim como a evolução, mesmo que lenta, dos direitos da profissão de empregados domésticos. Conquistas sociais reveladas não só por dados como refletidos nos projetos habitacionais atuais. Contudo, é comum ainda encontrar projetos, assinados por arquitetos reconhecidos pelo mercado, com dependências de empregado, principalmente nas residências das camadas mais abastadas da população – mesmo sendo cada vez mais raros os casos em que esses profissionais durmam nessas casas.

¹⁰ Fontes: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar>; <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1766537-marcela-temer-mudara-de-palacio-mas-tende-a-seguir-encastelada.shtml>. Acesso em: 12 Abril 2016.

A presença desse ambiente em uma habitação pode ser reflexo direto da renda da família e da quantidade de empregados que trabalham para ela, pois, caso não haja empregados domésticos para ocuparem os “quartinhos”, mesmo que durante o período de trabalho, a dependência de serviço ganhará nova utilidade.

A questão mais delicada sobre os “quartinhos” diz respeito ao fato de serem quase sempre um ambiente menosprezado dentro das residências, seja: por sua localização, pelo espaço que ocupam, pela falta de conforto termo acústico, pela falta de privacidade, dentre outros motivos. Por isso é tão comum relacionar as dependências às antigas senzalas, que eram ambientes de péssima qualidade.

O “quartinho”, portanto, assume o papel do “escondidinho”. Salvo poucos projetos, a maioria dos arquitetos trata o “quartinho” como um cômodo de baixo escalão na hierarquia da espacialidade doméstica, buscando escondê-los das vistas dos familiares e usuários daquela residência. Se numa sociedade escravocrata, onde era sabido o papel do escravo e de seus afazeres no espaço doméstico, a senzala era assumidamente um espaço do conjunto doméstico, com a Abolição, percebe-se que tais funções ficaram veladas, atribuídas a prestadores de serviço menores (cujos direitos trabalhistas demoraram mais de um século para ser efetivamente regulamentados). Ficaram escondidos também seus espaços na morada brasileira, fato que pode ser percebido quando nenhuma das fotos das residências utilizadas como estudo de caso revela tal espaço, salvo a Residência Castor Delgado Perez. A maior parte dos projetos analisados foi feita para um perfil socioeconômico de classes média e alta, cujos valores culturais e sociais trazem ainda heranças do estilo de vida dos antigos coronéis, fazendeiros etc. Desse modo, os arquitetos assumem papel de meros reprodutores – não questionadores – dessas relações sociais, conectadas historicamente por hábitos, costumes e relações servisais. Os projetos contemporâneos revelam a persistência em incluir tais espaços no programa de necessidades, o que demonstra a permanência de hábitos e costumes típicos de séculos passados.

Nesse sentido, o estudo sobre esse ambiente nas residências brasileiras se faz importante para auxiliar em projetos futuros, para analisar a pertinência de sua existência e o quanto ela pode influenciar na sociedade e na forma como as pessoas se relacionam. Muitas vezes o “quartinho” se torna um ambiente de segregação social e, para que isso não aconteça, algumas providências e cuidados podem ser tomados durante o processo de projeto. É preciso parar de pensar na profissão de empregado doméstico como uma profissão diferenciada apenas por ser realizada dentro das casas e não em um escritório. As necessidades são as mesmas para qualquer profissional que trabalhe algumas horas do dia, em casa ou em um escritório. Dessa forma, o banheiro de empregados, antes relacionado ao

“quartinho”, seja talvez o único cômodo necessário para o conforto dos funcionários domésticos atuais.

Por fim, sugere-se a arquitetos refletir sobre, ampliar os horizontes sobre tais prestadores de serviço e, ao invés de projetarem seu “quartinho” de grife, poderiam projetar a casa própria de tais trabalhadores. E isso vem ocorrendo, como o caso de Dona Dalva, diarista, que após economias acumuladas ao longo de trinta anos de trabalho doméstico conquistou, com apoio técnico do escritório Terra & Tuma, o projeto de sua casa própria na Vila Matilde, na cidade de São Paulo.¹¹



Figuras 11 e 12 – A diarista D. Dalva e sua residência, projeto do escritório Terra & Tuma.

Fonte: <https://orascunhosingular.wordpress.com/2016/02/12/a-melhor-casa-do-mundo-pelo-archdaily/>.

Acesso em: 16 Jun. 2016.

BIBLIOGRAFIA

Bachelard, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008 (1957).

Corona, Eduardo; Lemos, Carlos A. C.; Xavier, Alberto. *Arquitetura moderna paulistana*. São Paulo, PINI, 1983.

Freyre, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro, Record, 1998 (1933).

¹¹ Fontes: <http://www.caubr.gov.br/?p=52368>. Acesso em: 20 Abril 2016.

Guerra, Abílio; Castroviejo Ribeiro, Alessandro José. “Casas brasileiras do século XX”. In: *Arquitextos*, São Paulo, ano 07, n. 074.01, Vitruvius, jul. 2006. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.074/335>>. Acesso em 07 Ago. 2015.

Jesus, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2016 (1960).

Lara, Fernando Luiz Camargos. “Modernismo popular: elogio ou imitação?”. In: *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, Belo Horizonte, v. 12, n. 13, p. 171-184, dez. 2005.

Lemos, Carlos Alberto Cerqueira. *Cozinhas, etc.: um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. *História da casa brasileira*. São Paulo: Contexto, 1996.

_____. “Uma nova proposta de abordagem da história da arquitetura brasileira”. In: *Arquitextos*, São Paulo, ano 12, n. 141.00, Vitruvius, fev. 2012. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.141/4214>>. Acesso em: 15 Jul. 2015.

Mello, Bruno César Euphrasio de. “E o negro na arquitetura brasileira?”. In: *Arquitextos*, São Paulo, ano 13, n. 145.01, Vitruvius, jun. 2012. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.145/4372>>. Acesso em: 15 Jul. 2015.

Novais, Fernando A. *et al. História da vida privada no Brasil* (Volumes 1-4). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Reis Filho, Nestor Goulart. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2004 (1970).

Rossetti, Eduardo Pierrotti. “Morar brasileiro. Impressões e nexos atuais da casa e do espaço doméstico”. In: *Arquitextos*, São Paulo, ano 15, n. 169.01, Vitruvius, jun. 2014. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.169/5220>>. Acesso em: 15 Jul. 2015.

Segre, Roberto. *Casas brasileiras*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2010.

Silva, Marilu A. *Cozinha: espaço de relações sociais* (Mestrado). Natal: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

Veríssimo, Francisco Salvador; Bittar, William Seba Mallmann. *500 anos da casa no Brasil. As transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

Villar, Maria. *Batuque na cozinha. Estudo sobre os espaços de cozinhar no Brasil colônia, através dos relatos de viajantes* (Mestrado). Brasília: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, 2013.